

**LEIBNIZ: NOMINALISTA OU REALISTA? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
ACERCA DA CONCEPÇÃO LEIBNIZIANA CONCERNENTE À
FUNDAMENTAÇÃO DA REALIDADE DAS IDEIAS**

José Lino da Cruz Junior²¹⁸

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de justificar a posição realista de Leibniz ante a tese de Frédéric Nef e de outros filósofos que apontam o alemão como defensor de uma concepção nominalista do conhecimento. No nosso percurso argumentativo, tencionamos abordar a realidade do nosso conhecimento em Leibniz, especificamente de onde procedem as verdades e de como é fundamentada a realidade das ideias nesse contexto.

Palavras-chave: Cratilismo; Conexão; Ideias; Nominalismo; Realismo.

Abstract: This work aims to justify Leibniz's realistic position in the face of the thesis of Frédéric Nef and other philosophers who point to German as a defender of a nominalist conception of knowledge. In our argumentative journey we intend to approach the reality of our knowledge in Leibniz. Specifically, where the truths come from and how the reality of ideas is based in this context.

Keywords: Cratilism; Connection; Ideas; Nominalism; Realism.

O filósofo francês Frédéric Nef equivoca-se ao advogar a incompatibilidade que supostamente envolveria um Leibniz precursor da lógica formal no padrão de Frege — e um Leibniz cratilista. Tal atitude de Nef dificulta o seu aprofundamento nos argumentos cratilistas de Leibniz, e impossibilita o francês de vislumbrar o realismo leibniziano. Não obstante o seu reconhecimento da relevância da obra de Leibniz intitulada *Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, Nef sub-repticiamente dissocia as teses leibnizianas do contexto no qual o livro foi escrito. Um livro no qual Leibniz — por meio do seu personagem Teófilo — se contrapõe frontalmente às teses genuinamente nominalistas de Locke; que é representado pelo personagem Filaleto.

²¹⁸ Mestrando do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí, e integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS.

A afirmação da realidade do nosso conhecimento na perspectiva leibniziana fica embotada para Nef, na medida em que ele circunscreve o cratilismo tão somente a uma questão etimológica. E, por conseguinte, não consegue perceber que o cratilismo só pode ser viabilizado por meio do realismo. Qual seja: ele limita-se a identificar somente a raiz da palavra. E o Crátilo não se trata apenas de escrutínio etimológico. O cratilismo, nos moldes de Leibniz, engendra o realismo. A proeminente introvisão de Leibniz é que as ideias humanas, isto é, a forma como tais ideias são agregadas ou decompostas, ou ainda se são ou não são atualizadas pela natureza não atinge as essências, os gêneros e as espécies; posto que são apenas possibilidades que independem do nosso entendimento. Em última análise, toda a realidade encontra-se na mente do Deus leibniziano.

No decorrer deste trabalho, esquadriharemos os argumentos dos quais Leibniz lança mão para chegar à conclusão acima registrada. Os quais também corroboram o seu cratilismo restrito e, conseqüentemente, o seu realismo incontestado.

A incompreensão por parte de Nef acerca de como Leibniz pode conciliar elementos do cratilismo com a lógica simbólica fregeana atravança a sua percepção do realismo leibniziano. A sua contestação do cratilismo leibniziano não procede; haja vista que não se pode nem assegurar se de fato Leibniz foi um dos responsáveis pelo advento da referida lógica. Aqui é válido sublinhar que, em virtude do seu projeto de característica universal, Leibniz é considerado, por Nef, um precursor da lógica simbólica e equivocadamente um iniciador da gramática comparada; levando em consideração que outros pesquisadores já haviam assumido essa empreitada.

Tendo em conta que a função precípua do conhecimento é buscar os gêneros e as espécies, pode-se afirmar que uma perspectiva filosófica realista respalda a tese que os gêneros e as espécies são realidades; enquanto os arautos da concepção nominalista os consideram, tão somente, conceitos mentais. O filósofo inglês John Locke sintetiza bem a posição nominalista quando assevera:

§2 Respondo que as nossas ideias concordam com as coisas. §3, Todavia, perguntar-se-á qual o *critério*. §4. Respondo, *primeiramente*, que esta concordância é manifesta quanto às ideias simples do nosso espírito, pois, não podendo o espírito formá-las ele mesmo, é necessário que sejam produzidas pelas coisas que agem sobre o espírito; *em segundo lugar*, §5 que todas as nossas ideias complexas (excetuadas as das substâncias), sendo arquétipos que o próprio espírito formou e que não destinou a serem cópias do que quer que seja, nem relacionou com a existência de qualquer coisa como a seus originais, não podem elas deixar de ter toda a conformidade com as coisas necessárias a um conhecimento real. (LEIBNIZ, 1984, p. 315).

No que se relaciona com a problemática do Crátilo, sabe-se que Platão e Aristóteles eram realistas, registre-se apenas um único adendo: Aristóteles — o solucionador do problema cratiliano — era também um convencionalista. Para Aristóteles, a realidade atribuída aos gêneros está presente nas coisas, ao passo que, em Platão, outro solucionador da questão do Crátilo, também por conta do seu realismo — encontra-se no mundo suprassensível das ideias. Com efeito, sendo uma mescla de Platão e Agostinho, o realismo de Leibniz assevera que há, sim, realidade concernente aos gêneros e as espécies. Todavia, tal realidade situa-se no intelecto divino. Por conseguinte, se algo pode resolver a questão do Crátilo é o seu realismo.

Uma deficiência que imputamos a tese de Nef é a de não relacionar o agostinianismo, admitido por ele, de Leibniz ao cratilismo e realismo preconizados pelo mesmo. Noutras palavras: Nef reconhece em Leibniz a sua influência agostiniana. Aponta também o seu nominalismo; e não concebe que a conceitografia de Frege possa derivar da filosofia leibniziana que é cratilista strictu-sensu. Enquanto para Crátilo as línguas históricas são pura natureza; Leibniz, por seu turno, apregoa que tais línguas são uma mescla de convenção e natureza. Portanto, Leibniz não pode ser rotulado de ser um adepto da concepção cratiliana em toda a sua integralidade. O filósofo, no entanto, adota a metafísica principal inserida no Crátilo (assunto que Nef parece negligenciar). Saliente-se que no contexto do Crátilo, Leibniz transita filosoficamente entre o Crátilo e Hermógenes, aderindo a uma espécie de meio-termo perante as posições dos aludidos personagens. Nef incorre no erro de restringir a sua leitura do Crátilo apenas à postura naturalista do Crátilo de um lado e ao convencionalismo de Hermógenes do outro.

É recomendável muita cautela com esse realismo de Leibniz no estabelecimento da Lógica simbólica e com o seu projeto de característica universal. O foco de Nef é a unidade do pensamento de Leibniz, e asseveramos que essa unidade é absolutamente prescindível. E, se é que há possibilidade de unidade — o ponto principal aqui é como situar a unidade leibniziana sobre a linguagem. Segundo Nef, a unidade tem sua fonte na ligação estreita que existe entre característica e enciclopédia no sistema de Leibniz. Paira no ar a grande dúvida atinente a essa afirmação. Uma dúvida que problematiza, também, essa possibilidade.

Depreende-se, do que foi destrinchado até aqui, que Nef fez uma leitura um tanto fragmentada dos *Novos Ensaios*. No derradeiro capítulo deste livro, Leibniz estabelece a distinção entre a prática da ciência e da disciplina da dinâmica (ou física) e a prática da ciência e da disciplina da história. Com efeito, há discrepâncias entre uma ciência que aborda as etimologias e a ciência da dinâmica.

De acordo com Nef, Leibniz rejeita o monogenitismo estrito; a saber, a unicidade de uma origem antropológica e linguística da humanidade. Leibniz argumenta que a língua adâmica não pode ser reconstruída ou identificada ao hebraico, grego ou alemão; e ainda sustenta uma concepção de uma língua na qual tudo é apelativo, inclusive, os nomes. O fato é que Nef descontextualiza as teorias leibnizianas debatidas na obra *Novos Ensaios* que foi tecido com o fito de responder especificamente à filosofia lockeana. Leibniz empreende uma abordagem muito específica dos apelativos; sempre redarguindo aos pressupostos nominalistas de Locke. A tese lockeana é simples: deve-se atribuir nomes às coisas particularmente; tendo em vista que tudo é particular. Locke defende que conhecemos os particulares e por meio das abstrações atingimos os gêneros. De acordo com o inglês:

Entretanto, é evidente que as ideias que as crianças se fazem das pessoas com as quais conversam – para ficarmos neste exemplo – são semelhantes às próprias pessoas e são apenas particulares. As ideias que possuem de suas amas-secas e de sua mãe estão bem impressas no seu espírito, e os nomes babá e mamãe, de que se servem as crianças, se referem exclusivamente à estas pessoas. Quando, passado algum tempo, observam que há muitos outros seres semelhantes a seu pai ou à sua mãe, formam uma ideia, da qual acreditam participar igualmente todos esses seres particulares, passam a dar-lhes como os outros, o nome de homem ou pessoa. Pelo mesmo caminho as crianças adquirem nomes e noções mais gerais. Assim, por exemplo, a nova ideia do animal não surge por qualquer adição, mas apenas sendo a figura ou as propriedades particulares do homem, e conservando um corpo acompanhar de vida, de sentimento e de movimento espontâneo. (LEIBNIZ, 1984, p. 225/226).

Porém, de acordo com Leibniz, o que é conhecido é uma espécie última — que recorda o gênero — jamais o particular. A semelhança é que é nomeada, não o particular. Aqui Nef também consegue identificar o Cratilismo de Leibniz. Sobre o conceito de similitude Leibniz elucida que: Cito Leibniz: "pois a generalidade consiste na semelhança (ressemblance) das coisas singulares entre elas, e esta semelhança (ressemblance) é uma realidade " (LEIBNIZ, 1984, p. 71).

No texto em análise, Nef diz que Leibniz funda uma parte da sua pesquisa filológica não acerca da busca de uma linguagem original perdida, mas sobre a divisão dos filhos de Noé. No nosso prisma, Leibniz, ao contrário da afirmação de Nef, enveredou resoluto pelos caminhos da investigação de uma língua de um povo original e singular. Não obstante, Leibniz é perfeitamente cômico da impossibilidade de encontrá-la; haja vista a ocorrência do dilúvio. Entretanto, a investigação de Leibniz aponta para a existência pregressa de tal língua original. E a prova indubitável da sua existência é que os filhos de Noé mantiveram viva na sua língua, exatamente essa última língua supramencionada. Para Leibniz — cujo projeto político Nef olvidou — poder justificar historicamente a ascendência da família de Brunswick é fundamental

remontar uma só língua, um só local. É isso que vai assegurar ao povo da Alemanha o trono da Europa reintegrada.

Quanto ao argumento de Nef, o qual diz que Leibniz considera a possibilidade de uma monogênese radical, e, no entanto, nega-se a remontar na ordem da explicação algo que extrapole essa divisão em três famílias de línguas, a saber: a jafética, a semita e a camita, sustentamos que não se trata, absolutamente, de uma recusa voluntária por parte do alemão, posto que é impossível uma sondagem linguística espriar-se até os tempos pré-diluvianos.

Subsequentemente, Nef, enfim elucidada, que a monogênese hebraica, sim, é inadmissível para Leibniz. Ademais — na visão de Nef calcada nos escritos de Boehme — trata-se, concomitantemente, de uma língua primitiva e uma língua cabalística. É a língua celto-cita (aqui fica patente o antisemitismo) — na concepção leibniziana — que é a primeira língua. Leibniz não considera a monogênese hebraica, isto é, que a língua de origem foi a hebraica.

A acusação de que Leibniz não postula — como procedeu Jacob Boehme — a habitação do primitivo no derivativo também não tem razão de ser. Não se trata de não encontrar; o ponto aqui é que o primitivo, na abordagem leibniziana, não é concernente a essências. Acerca dessa questão, Leibniz faz a seguinte afirmação:

Se o hebraico ou o árabe são as línguas que mais se aproximam da primitiva, ela deve estar no mínimo bem alterada, e parece que o teutônico guardou mais do natural, e (para falar a linguagem de Jacob Boehm) do adâmico: pois se possuíssemos a língua primitiva em sua pureza, ou pelo menos suficientemente conservada para ser reconhecível, seria necessário que nela aparecessem as razões das conexões, quer de ordem física, quer de uma instituição arbitrária, sábia e digna do primeiro autor. Contudo, supondo que as nossas línguas sejam derivadas, quanto ao fundo possuem sem embargo algo de primitivo em si mesmas, que lhes sobreveio com relação a palavras radicais novas, formadas nelas depois, por acaso, mas com base em razões de ordem física. (LEIBNIZ, 1984, p. 218).

Conforme Nef — e aqui ele tem razão — o vínculo entre as palavras e as coisas é irredutível. A possibilidade de afirmar com as palavras o que as coisas realmente são, fica irrevogavelmente excluída, uma vez que nos desviamos da ordem natural das ideias. A pressuposição de Boehme é que a língua adâmica se ajusta ao seguinte modelo: uma vez que Adão conferiu nomes aos animais, esses nomes coincidiram com a essência de cada animal. Vale destacar que isso supõe também parte da mística judaica ou cabalística. Leibniz diverge dessa posição. No livro *Novos Ensaios*, ele esclarece que, cito Leibniz:

Acontece que nossas necessidades nos forçaram a deixar a ordem natural das ideias, pois essa ordem seria comum aos anjos e aos homens e a todas as inteligências em geral e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos absolutamente nossos interesses: foi preciso, então, ater-se àquela (ordem) que as ocasiões e os acidentes à qual nossa espécie está sujeita nos forneceu; e esta ordem não dá a origem das noções,

mas (fornece), por assim dizer, a história das nossas descobertas (LEIBNIZ, 1984, p. 46).

Ressalte-se que o que ocorre de forma ocasional ou acidental é objeto da disciplina que denominamos de história. A Física, por sua vez, não trata disso (ela se dá por continuidade). A humanidade, portanto, está à mercê das ocasiões e dos acidentes no que diz respeito ao tetame de explicar com as palavras o que as coisas realmente são; e isso em decorrência da nossa mudança de rota das noções primevas e das essências; as quais seriam imediatamente cognoscíveis. Por conseguinte, não conhecemos dessa forma. As palavras das quais lançamos mão e as línguas que produzimos não atingem diretamente as essências.

Com efeito, o projeto de língua de Leibniz é distinto do projeto de Jacob Boehme. Aqui Nef é certo. E ainda no que se refere à habitação do primitivo no derivativo, em última instância, o primitivo pode ser rastreado no derivativo. Só que o primitivo não está relacionado à origem das noções, ele concerne precisamente à história das nossas descobertas. Quanto à falta de percepção de Leibniz a respeito da conexão física ou convencional, não é verdade. Nef aponta a rejeição da língua adâmica por parte de Leibniz como justificativa para essa limitação da qual padece o mesmo.

O corolário é que Leibniz assume tal conduta porquanto ele acha que há conexões fundadas na razão. Entretanto, não se trata de uma racionalidade atrelada à razão, é tão-somente causa anterior. Não é racionalidade atinente à escolha de palavras, é causalidade: totalmente compatível com as ocasiões e acidentes. Nef engana-se quando assevera que a linguística leibniziana pauta-se pelos padrões da física. E as conexões tratadas acima não são racionais (como anela Nef). Há uma nítida diferença entre o Leibniz historiador e o Leibniz físico. Em suma: a história lida com o eventual e acidental e não com o que ocorre com frequência e por necessidade.

A história só é possível alicerçada no método. O qual deve ter como sustentáculo a etimologia. E aqui anuímos com Nef. E o próprio Leibniz adota esse procedimento. Mas prescreve-se a utilização de uma etimologia que sustenta que as línguas foram criadas por acaso e por acidentes ou de um método etimológico. Ignoramos se tal conduta pode efetivamente ter como esteio o princípio da razão. Sendo que, no que tange ao princípio de continuidade, tal base está peremptoriamente descartada. Com efeito, as rupturas são uma realidade; as línguas são atreladas umas nas outras e esse fenômeno não pode ser imputado ao princípio de continuidade. Mas a questão premente é: o que é história para Leibniz? Eis uma questão que foi escrutinada no último capítulo dos *Novos Ensaios*. Leibniz empreende uma etimologia que

promove um retorno ao radical; mas sempre por intermédio dos saltos. Há deveras uma profusão de descontinuidades.

Para Nef, além dos questionáveis princípios de razão e continuidade há, também em Leibniz, a analogia. Nef afirma que há uma conveniência analógica entre a coisa e o signo. O que nos parece que ele acabou de dizer o inverso: afirmou a arbitrariedade da significação porque senão retorna ao projeto de Jacob Boehme. Parece-nos que a única alternativa para preservar uma distância da língua adâmica é aceitar que as conexões se esfumaram. Existe, com efeito, uma outra forma de conveniência; contudo, ela não torna acessível a essência das coisas, apenas facilita a proximidade. Existe alguma analogia entre o som e a coisa. Aqui transparece novamente o cratilismo de Leibniz. Se o realismo leibniziano fosse devidamente reconhecido por Nef, outra forma de associação entre as línguas e as coisas seria considerada. Não obstante, tal associação não poderia se dar propriamente às coisas. As línguas não são um constructo da associação entre as palavras e as coisas, mas pode haver uma aproximação. Há realidade naquilo que é nomeado; eis a questão principal estabelecida por Nef.

Como dissemos, uma lastimável falha de Nef é só conceber o cratilismo no seu aspecto etimológico. O filósofo também alega que, em Leibniz, a construção de uma linguagem universal pressupõe a descoberta das noções simples que fundam todas as ideias derivadas. O fato é que dificilmente há o conhecimento das noções simples. Provavelmente, a referida língua universal teria que ser artificial, considerando que apenas a Matemática pode fornecer escassas noções originárias simples. Ressalte-se que a associação do universal com a língua também não é apropriada (Nef resvala aqui também), o universal deve ser relacionado à linguagem. Há linguagens artificiais que podem exercer a função de uma língua universal; há línguas históricas que também o podem. Por fim, há dessemelhanças entre os projetos de Frege, de Boole e de Leibniz, as quais nos parece que Nef, inadvertidamente, também ignora.

Ainda no que toca à questão do Crátilo o naturalismo irrestrito ou integral fica comprometido na medida em que se constata a impossibilidade de naturalmente pronunciarmos uma palavra e encontrarmos uma essência ou uma ideia. Este era o escopo do cratilismo. Não há um desfecho para o diálogo do Crátilo, considerando que ele teria que se apropriar da teoria platônica das ideias, na qual a forma assegura a realidade anelada. E é na realidade das coisas nomeadas que Crátilo sucumbe. A teoria leibniziana das ideias assevera que a possibilidade das coisas constitui a fonte da similitude, bem como das essências, dos gêneros e das espécies; por conseguinte, na medida em que se configura a possibilidade de uma ideia geral, tal ideia equivale a um arquétipo presente no entendimento divino; o qual representa a sede das ideias.

E, uma vez que esse entendimento é eterno, as ideias concatenadas engendram verdades eternas. De tal sede promana a realidade das ideias e do nosso conhecimento. Eis uma citação de Agostinho que evidencia a sintonia do seu realismo com o realismo leibniziano: “Com efeito, as ideias são certas formas ou razões principais das coisas, estáveis e imutáveis, e não são elas mesmas formadas, e por isso são eternas e se mantêm sempre do mesmo modo e são contidas pela inteligência divina” (AGOSTINHO, 2008, p. 379).

Neste trabalho, identificamos um preconceito sedimentado no texto de Frédéric Nef: presume-se que uma filosofia precursora da conceitografia fregeana não pode conservar em seu bojo determinados elementos do cratilismo para debater a linguagem e a realidade do nosso conhecimento. Essa postura, conforme discurremos acima, constitui um óbice para a sua percepção do realismo de Leibniz. Isso ocorre, inclusive, em decorrência do seu cratilismo limitado somente ao âmbito da etimologia. Uma restrição que deixa Nef alheio à constatação de que a solução para o Crátilo é o realismo.

Nos certificamos de que não podemos recuperar a ligação das palavras com as coisas, pelas razões explicitadas no transcurso deste trabalho, destarte, ficamos impossibilitados de dizer o que de fato são as coisas. Todavia, é possível estabelecer uma aproximação por intermédio dos resquícios de tal língua que podem ser localizados nas línguas emergentes que a sucederam. O que equivale dizer: o primitivo, pode sim, ser encontrado no derivativo. Mas trata-se de um primitivo que muito embora não possa resgatar a procedência das noções, pode restabelecer a história das nossas descobertas.

Depreendemos, por fim, que para Leibniz, o qual é um cratiliano strictu-senso, que é a semelhança que pode se atribuir os nomes, não o particular. E, em última instância, é a semelhança das coisas particulares que engendra a generalidade. E tal semelhança constitui, com efeito, uma realidade. A qual diferentemente da realidade platônica cuja existência localiza-se no mundo das ideias e da realidade aristotélica que se situa nas coisas, a realidade leibniziana encontra-se no intelecto de Deus. Neste encontram-se os arquétipos, os quais nos conferem forma e imprimem nos nossos espíritos o original das ideias e o original das verdades alojados na mente divina. Há no intelecto de Deus a sede das ideias, o reino das possibilidades; o qual produz a fonte da similitude e também das essências, dos gêneros e das espécies. Se identificamos uma ideia possível, esta ideia tem que se alocar em um entendimento que é o seu lugar; e uma vez que nos referimos a uma ideia possível, pode-se afirmar que o seu último local é o entendimento divino. Daí dimana a realidade das nossas ideias.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. *As ideias (De ideis)*. Tradução de Moacyr Novaes. Discurso. Revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo: Barcolla/Discurso, 2008 (40), p. 377-380.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PIAUI, William de Siqueira. *Leibniz e a linguagem: línguas naturais, etimologia e história*. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.